TRANSGERACIONALIDADE ENTRE MULHERES DA FAMÍLIA: REFLEXOS NA CONJUGALIDADE E NA PARENTALIDADE[1]

ANA PAULA DE MIRANDA[2]

Resumo: Considerando as transformações pelas quais as mulheres passaram nas últimas décadas e a sua importância dentro da dinâmica familiar, o objetivo dessa pesquisa é fazer um recorte no fenômeno da transgeracionalidade, a fim de compreender a percepção de mulheres sobre a influência das mulheres de gerações familiares anteriores sobre suas relações familiares atuais, particularmente em relação à conjugalidade e à parentalidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com três mulheres maiores de 18 anos, brancas, heterossexuais, moradoras da região da grande Florianópolis, de classe social média, que estavam em um relacionamento estável e que tinham, pelo menos, um filho em idade escolar. As entrevistas tiveram a duração de aproximadamente duas horas e abordaram questões sobre a família de origem e a família nuclear constituída pela participante, a fim de verificar a influência das gerações familiares anteriores no âmbito da conjugalidade e da parentalidade. Os resultados identificados nos relatos das participantes evidenciaram a busca por relacionamentos conjugais diferentes dos vivenciados pelos pais, em razão dos aspectos negativos observados ao longo da infância e na adolescência. Em relação à parentalidade, observou-se a reprodução de algumas práticas parentais, além da repetição de rituais, comportamentos, mitos e valores como independência, responsabilidade, atenção e cuidado que foram transmitidos pelas famílias de origem, principalmente pela figura materna. Além disso, foram verificadas situações particulares na vida das participantes que evidenciam o estigma de ser mulher na sociedade contemporânea. No que tange à percepção em relação à influência das mulheres de gerações familiares anteriores, as entrevistadas identificaram a transmissão de alguns padrões familiares aos filhos, como comportamentos, valores e o mito da união familiar. Apesar da verificação da reprodução de alguns aspectos da família de origem, importa ressaltar que outras variáveis devem ser consideradas em relação à atuação da mulher no que tange à conjugalidade e à parentalidade, uma vez que a relação estabelecida com o cônjuge e com os filhos é construída dentro de um espaço, tempo e contexto específico que pode influenciar na manutenção ou na desconstrução dos padrões familiares de gerações familiares anteriores. Nesse sentido, a consciência e a reflexão sobre a repetição de padrões adotados pela família de origem podem ser libertadoras, uma vez que possibilitam às mulheres novas formas de posicionar-se em relação à conjugalidade e à parentalidade.

Palavras-chave: Transgeracionalidade. Mulher. Família. Conjugalidade. Parentalidade.

---

[1] Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Psicóloga. Orientadoras: Prof. Zuleica Pretto, Dra. e Prof. Camila Felipe Tonn, Msc. Palhoça, 2018.

[2] Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: anapaula.demiranda85@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O contexto no qual o sujeito está inserido oferece condições para a constituição de sua subjetividade e, por consequência, contribui para definir a forma deste relacionar-se com o meio. Isso não é diferente no ambiente familiar: em razão do tempo e do espaço em que são produzidos, os modelos familiares podem ser constituídos, reformulados e transformados (ANTON, 2012). Nesse sentido, considerando as diversas transformações sociais ocorridas nas últimas décadas, os indivíduos e, consequentemente, os subsistemas e sistemas em que estão inseridos, como a família, sofreram/sofrem o impacto dessas mudanças. Deste modo, o presente trabalho se propõe a fazer um recorte no fenômeno da transgeracionalidade, principalmente no que tange às mulheres, de modo a compreender como elas percebem a perpetuação de padrões familiares em suas relações familiares atuais, especificamente em relação à conjugalidade e à parentalidade.

Em razão das lutas travadas pelas mulheres em prol de direitos libertários e igualitários, podemos observar, hoje, a representatividade feminina em diferentes esferas da sociedade antes ocupadas prioritariamente por homens: no mercado de trabalho, na política, nas instituições acadêmicas, nas organizações sociais, entre outros. Deste modo, o acesso às universidades somado ao ingresso no mercado de trabalho, à ampliação dos meios de comunicação de massa e aos avanços da medicina, da ciência e da tecnologia oportunizaram a ampliação dos direitos das mulheres nos mais diversos campos (FÉRES-CARNEIRO; NEGREIROS, 2004).

Lopes, Dellazzana-Zanon e Boeckel (2014) lembram que, anteriormente, as mulheres vivenciavam suas experiências de mãe e esposa exclusivamente no espaço privado que lhes era reservado, assumindo a função de cuidadora. No entanto, as mudanças sociais das últimas décadas viabilizaram a conquista gradual do espaço público sem, no entanto, deixarem de ser responsáveis por toda ou a maior parte da vida doméstica. A dupla ou tripla rotina da mulher, que contempla as esferas acadêmica, profissional e doméstica, incluem, ainda, situações em que a mulher é a principal colaboradora na renda familiar, trocando com o homem o papel de provedor da família (FLECK; WAGNER, 2003).

A divisão da mulher entre esses espaços tem gerado redefinições na dinâmica familiar, uma vez que a ampliação do leque de possibilidades coloca em suas mãos o poder de decidir sobre os relacionamentos que pretende constituir, a prática da

maternidade e a dedicação à vida profissional e aos estudos. Em razão das modificações da função da mulher na sociedade, além de uma redefinição do homem e dos filhos dentro da dinâmica familiar, observa-se que ocorreram transformações em duas dimensões que interferem diretamente na constituição do modelo familiar: conjugalidade e a parentalidade.

Em decorrência das transformações sociais, culturais, econômicas e políticas das últimas décadas foram alteradas as formas de constituição de relacionamentos e, consequentemente, de constituição da conjugalidade. No que se refere à escolha do(a) parceiro(a), Zordan, Falcke e Wagner (2005, p. 48) afirmam que as escolhas em relação ao cônjuge e ao tipo de relacionamento que se pretende assumir não são exclusivas do sujeito, estando "permeadas por mensagens, explícitas ou implícitas, transmitidas transgeracionalmente pelos antecessores". Assim, a decisão sobre o relacionamento não seria livre e unicamente do sujeito, pois a escolha estaria atravessada pelos legados familiares e sociais.

Féres-Carneiro e Ziviani (2010), em relação à influência da família, discorrem sobre a construção de uma realidade compartilhada pelos cônjuges, uma vez que cada um trará consigo crenças, valores, legados e mitos da família de origem. Assim, o sistema precisa ser constantemente ajustado para possibilitar a formação da identidade do casal. As autoras ressaltam ainda que a forma como cada um apropriou-se da herança familiar e a clareza sobre a influência que a família tem no poder de decisão serão reguladoras dessa identidade compartilhada.

Para tanto, a fim de que a relação conjugal seja positiva, Falcke, Mosmann e Wagner (2005, p. 76) destacam que o fato de "conhecer, revisar e entender as experiências vividas no berço da família de origem favorece e amplia as possibilidades de construção de relacionamentos íntimos satisfatórios e até mesmo prazerosos". Dessa forma, o conhecimento e a reflexão sobre os padrões da família de origem podem auxiliar os cônjuges na manutenção ou no distanciamento da herança transgeracional.

No que se refere à parentalidade, Zornig (2010, p. 454) a define como a "dimensão de processo e de construção no exercício da relação dos pais com os filhos". Considerando o contexto atual, deve-se levar em conta que as transformações ocorridas nas últimas décadas interferem na forma de educar os filhos sendo que, atualmente, a falta de respostas sobre as dúvidas que surgem na criação dos filhos e as inúmeras demandas levantadas pelas diferentes configurações familiares torna a educação uma das mais

complexas tarefas a serem encaradas pela família (FALCKE; PREDEBON; WAGNER, 2005). Conforme expõem Botton e outros (2015), essas novas configurações, como a família recomposta, monoparental feminina ou masculina, homoafetiva, entre outras, exige que os pais exerçam um novo olhar sobre a família contemporânea, de forma a ultrapassar os modelos até então considerados tradicionais (pai, mãe e filhos).

Mesmo diante da infinidade de informações que os pais têm à disposição em virtude dos meios de comunicação em massa, é comum o regresso ao passado para encontrar referências para o futuro, ou seja, avaliar vivências anteriores a fim de construir modelos para o exercício da parentalidade (BORNHOLDT; WAGNER, 2005). Essa busca por referências remete à transgeracionalidade, na qual o sistema de valores, crenças, mitos e legados familiares será, segundo Falcke, Predebon e Wagner (2005), inevitavelmente transmitido às demais gerações, uma vez que esse fenômeno está relacionado à própria condição humana e à sobrevivência da família, que se fortalece com os sentimentos de pertencimento e afiliação produzidos pelo refinado e complexo processo de repetição de padrões. Assim, as vivências e experiências apropriadas na infância poderão ser resgatadas para resolver as questões atuais com que os pais se deparam na educação dos filhos.

O primeiro contato que a criança estabelece com o contexto sócio-histórico-cultural, geralmente, ocorre por meio do núcleo familiar. Berger e Luckmann (1985), ao tratarem sobre o processo dialético de socialização, explicam que a identificação ocorre no momento em que a criança, influenciada pela emoção, toma para si as ações e os papéis assumidos pelos outros que, para ela, são significativos, deste modo a criança passa a identificar a si mesma, constituir sua subjetividade e particularizar-se diante da sociedade. Nesse sentido, conforme afirmam Botton e outros (2015), ao longo do processo de desenvolvimento infantil, os padrões familiares que se tornam significativos podem influenciar nas futuras tomadas de decisão, comportamentos, escolhas profissionais, entre outros, mas, por outro lado, no decorrer da vida do sujeito, outros processos de identificação podem ser constituídos e alguns modelos familiares podem ser deixados para trás.

Ao observar-se a interação entre os membros de uma família, pode-se identificar a ocorrência da transmissão familiar[3] ou transgeracionalidade que, segundo Wagner

[3] Sobre o conceito "transmissão familiar", temos que, enquanto a teoria psicanalítica adentra num viés de transmissão de conteúdos inconscientes entre diferentes gerações de uma mesma família, enquanto a abordagem sistêmica introduz a ideia de padrões de comportamento e funcionamento familiares formados

(2005), refere-se ao conjunto de padrões familiares que envolvem mitos, ritos, segredos, lealdades, crenças, valores e legados transmitidos de uma geração a outra, mesmo que de forma imperceptível aos membros da família. Sobre a dinâmica do fenômeno, a autora afirma que essa herança dos antepassados pode explicar, em parte, o modo como os membros da família vivenciam e enfrentam situações e questões apresentadas ao longo das etapas do ciclo evolutivo (WAGNER, 2005).

Conforme afirmam Falcke e Wagner (2005, p. 26), a transgeracionalidade dá identidade à família e auxilia na compreensão da dinâmica familiar atual. Ainda, apontam que as relações estabelecidas com a família de origem são tão significantes que vão servir como base para decisões, relacionamentos e escolhas futuras, indicando, ilustrativamente, que é "como se todas as pessoas tivessem vozes gravadas em seu interior [...] a diferença de uma pessoa a outra seria a quantidade, a intensidade e o grau de compreensão, ou talvez possamos dizer, o volume dessas vozes, que daria a dimensão da influência na vida do sujeito". Ressaltam, no entanto, que a ideia simplista de que os elementos do passado necessariamente determinam o futuro deve ser ultrapassada, pois a manutenção do padrão familiar ocorrerá somente se houver um sentido no contexto atual em que se reproduz.

O fenômeno da transgeracionalidade tem sido discutido em diferentes aspectos nas produções de conhecimento científico. No entanto, poucas são as produções em base de dados científica que abordam a transmissão entre mulheres da mesma família, principalmente no que tange à conjugalidade e à parentalidade. Somente o trabalho de Camicia, Silva e Schmidt (2016) contempla tais questões, ressaltando a importância de compreender como os aspectos transgeracionais podem afetar as relações familiares atuais. O trabalho das autoras, no entanto, tem como enfoque o estudo de um caso clínico específico e a utilização da abordagem sistêmica como suporte para o tratamento de uma jovem adulta. Já a presente pesquisa propõe-se a compreender como as mulheres percebem a influência de mulheres de gerações familiares anteriores sobre suas relações familiares atuais, principalmente nos âmbitos da conjugalidade e da parentalidade.

A literatura aponta, no que se refere às consequências da transgeracionalidade entre os membros da família, que uma dinâmica familiar caracterizada pela existência de reproduções de comportamentos, crenças e valores pode gerar o aprisionamento a esse

---

por regras e expectativas implícitas ou explícitas entre os membros da atual família ou de gerações anteriores e que podem ser analisadas a partir de uma visão de totalidade da família, ou seja, da interação/relação mútua entre todos os membros (BERTIN; PASSOS, 2003).

sistema e, consequentemente, resultar em sofrimento e no aparecimento de sintomas (ELKAIM, 2008). Dessa forma, conforme aponta o autor, a percepção dos diferentes papéis assumidos por cada membro da família e a reflexão sobre os fatores que influenciam a forma de pensar e agir no mundo são capazes de modificar as regras do sistema e provocar uma transformação pessoal libertadora. Essa clareza necessária para o restabelecimento da qualidade das relações pode tornar-se possível por meio da ampliação das discussões sobre a transgeracionalidade e do conhecimento da influência que esse fenômeno pode gerar na dinâmica familiar. Para tanto, considerando as transformações pelas quais as mulheres passaram nas últimas décadas e a sua importância dentro da dinâmica familiar, a presente pesquisa tem como objetivo compreender a percepção de mulheres sobre a influência de mulheres de gerações familiares anteriores sobre suas relações familiares atuais, nos âmbitos da conjugalidade e da parentalidade.

2 MÉTODO

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos, essa pesquisa foi classificada como exploratória, de natureza qualitativa e do tipo transversal, considerando que a coleta de dados ocorreu em um período de tempo fixo e determinado, no segundo semestre de 2018. A fim de validar as perguntas formuladas no roteiro de entrevista e analisar possíveis inconsistências do instrumento da pesquisa, foi realizada uma entrevista piloto no período compreendido entre a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unisul (CEP-Unisul) e a aprovação. Após o parecer favorável, iniciou-se a seleção das participantes a partir da rede de contatos da pesquisadora, que recebeu indicações de participantes que atendessem ao perfil previamente definido: mulheres maiores de 18 anos, moradoras da região da grande de Florianópolis, de classe social média, que estivessem em um relacionamento estável com, pelo menos, um filho em idade escolar, uma vez que os objetivos específicos tratam de questões relacionadas à conjugalidade e à parentalidade.

O contato com as participantes ocorreu por meio de aplicativo de mensagens instantâneas, a partir dos contatos compartilhados. Dessa forma, a amostra caracteriza-se como não probabilística por conveniência. Participaram da pesquisa as três primeiras mulheres que sinalizaram o aceite, residentes nos municípios de Florianópolis, São José e Palhoça, de classe média, brancas, heterossexuais, que vivem relacionamentos há mais

de quatro anos, com idades que variam entre 36 e 49 anos e mães de filhos com idade entre cinco e vinte e cinco anos.

No primeiro contato, esclareceu-se sobre os objetivos, a relevância social e científica da pesquisa e a importância da colaboração para o aprimoramento do conhecimento. Além disso, nesse primeiro momento, ficaram acordadas questões como a data e o local para a realização das entrevistas individuais. O local de coleta de dados foi definido de acordo com a preferência e a disponibilidade das participantes, sendo que duas optaram pela entrevista em suas casas e uma na casa da entrevistadora, de modo a atender os requisitos de privacidade e confortabilidade.

Para fins de coleta de dados, as entrevistas foram gravadas por meio de um aplicativo de gravador de voz, após o aceite e a prévia assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual estava prevista a autorização da gravação de áudio. Como instrumento de pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais, com duração de aproximadamente duas horas, que abordaram os seguintes assuntos: caracterização, histórico da família de origem e da família nuclear relacionado aos valores, crenças, rituais e tradições, bem como outras perguntas que surgiram ao longo da fala das participantes, a fim de verificar a influência das gerações familiares anteriores no âmbito da conjugalidade e da parentalidade.

Após a transcrição das entrevistas individuais e da leitura geral dos dados coletados, as informações foram organizadas de modo a comparar os relatos acerca da família de origem e da família nuclear de cada participante, assim como identificar os pontos de convergência das histórias das três entrevistadas. Para tanto, por meio da análise de conteúdo de Bardin (1977), foram selecionados trechos das falas mais significativas, que foram interpretados pela pesquisadora como relevantes à análise dos objetivos da pesquisa. Os relatos foram separados em subtópicos que contemplaram a descrição da história da família de origem e da família nuclear de cada participante, a fim de conservar a particularidade de suas experiências. Ainda, foram adotados nomes fictícios e algumas informações específicas foram suprimidas para preservar a identidade das entrevistadas. Com base na descrição dos trechos das entrevistas, a discussão foi desenvolvida de modo a contemplar as convergências e particularidades das histórias das participantes articulando-se com o referencial teórico.

3 VISITANDO AS HISTÓRIAS DAS ENTREVISTADAS

Considerando que o fenômeno da transgeracionalidade diz respeito à transmissão de padrões familiares entre gerações, os dados colhidos nas entrevistas serão apresentados de forma a destacar a história de cada participante para que, a partir de seus relatos, seja possível perceber as relações das experiências observadas na família de origem e as vivenciadas atualmente na família nuclear e, dessa forma, identificar suas similaridades e particularidades. Por conseguinte, a fim de contemplar os aspectos da conjugalidade e da parentalidade, foram apresentados trechos dos relatos sobre a escolha do cônjuge, as práticas parentais, a dualidade entre a vida profissional e a maternidade, bem como conteúdos singulares da história de cada uma, que foram destacados em negrito a fim de tornar evidente as principais categorias identificadas nas histórias das participantes.

Ainda, por meio da exposição dos relatos, são apresentadas as percepções das participantes no que tange à identificação com pessoas significativas em suas vidas e à influência das mulheres de gerações anteriores sobre sua família atual. Dessa forma, a opção de apresentar a história de cada participante, destacando aspectos referentes à transgeracionalidade de elementos da conjugalidade e da parentalidade, buscou conservar as particularidades das experiências vivenciadas em suas famílias de origem e suas famílias nucleares que serão analisadas no subcapítulo 4 em articulação com o referencial teórico.

3.1 “ESTOU FAZENDO IGUALZINHO A MINHA MÃE”

A primeira entrevistada, aqui denominada Carmen, tem dois filhos: Amanda (do primeiro casamento), que está com 25 anos, e Anderson (do segundo casamento), que tem 17 anos. Carmen está no seu terceiro casamento - após três ou quatro anos da sua última separação, conheceu seu atual companheiro, com quem mora há quatro anos. Em relação a sua família de origem, é a filha do meio de cinco filhos e seus pais estão casados há mais de cinquenta anos.

Em relação à **conjugalidade dos pais**, afirmou que eles brigavam e discutiam, inclusive na frente dos filhos: “[...] minha mãe aceitou muita coisa do meu pai que eu não aceitaria, eu não aceito, porque via minha mãe aceitar, entendeu? [...] eu tentei procurar o contrário do meu pai, eu percebo assim, de todos os erros meus com relação a homens,

foi por eu buscar o contrário, totalmente diferente do meu pai, entendeu?". Em relação ao atual companheiro, afirmou: "[...] a gente briga muito [...] por nada, por coisas bem irrisórias [...] somos muito brigões".

Sobre suas vivências conjugais anteriores, apontou que, no primeiro casamento, sofreu violência física e psicológica, expondo que "foi tão traumatizante [...] a primeira relação". No que se refere ao segundo relacionamento, indicou que o ex-marido "era mentiroso, então assim, eu não conheci ele, na realidade, a pessoa que, a pessoa mais mentirosa desse mundo 'tava' ali, sabe [...] eu achei que ele tinha vindo para somar na minha vida e veio só para destruir mais ainda [...] traumatizar mais ainda, né (nesse momento, a participante chora e pede desculpas)". Dessa forma, sobre o período que se seguiu após a separação do segundo marido, afirmou: "[...] tudo que eu olhava, assim, que tinha pelo, que tinha cara de homem, eu, me dá um arrepio (risos). Eu cheguei a pensar, será, será que eu virei lésbica? (risos), que eu não posso mais olhar para um homem [...] eu fiquei traumatizada, né". À vista disso, sobre as experiências conjugais vivenciadas, refletiu: "[...] não deu certo para mim, não deu certo, eu não me sinto realizada em relação a isso, sabe?". Apesar de entender que não teve sucesso nos relacionamentos vividos, manifestou o desejo de que a filha constitua relações positivas: "[...] ainda espero que minha filha consiga, para mim não deu certo".

No que concerne à **parentalidade**, especificamente em relação à educação, afirmou sobre a mãe: "[...] minha mãe sempre foi guerreira, né, também assim nunca bateu na gente assim, né, sempre foi também mais no diálogo [...] minha mãe só tem coisas positivas [...] é um doce de pessoa, né (risos). É uma mulher forte [...] ela era do tipo que enfrentava a vida [...] mais responsável, tocava a família, né, eu acho assim que a nossa estrutura emocional é a minha mãe, nosso pilar é a mãe que foi sempre, assim, centrada". Em relação a forma de educar seus filhos, a entrevistada indicou que está "[...] sempre conversando, sempre dialogando [...] eu sou amiga dos meus filhos, nós conversamos sobre tudo, tudo [...] eles têm toda a confiança de falar qualquer coisa para mim e eles falam qualquer coisa".

Ainda sobre a parentalidade, a entrevistada observou, ao longo de sua infância e adolescência, a falta que a mãe fez no seu dia a dia: "[...] minha mãe trabalhava um monte [...] tinha final de semana que ela não folgava, a gente se criou bem dizer sozinho, né, um cuidando do outro, né". Deste modo, Carmen buscou, após a maternidade, estar mais próxima dos filhos: "[...] como eu fui uma pessoa, assim, muito longe da mãe, que achava

que a mãe era uma pessoa muito importante, né, fez bastante falta para mim, eu quis ter essa relação com os meus filhos, entendeu? [...] eu já tinha Amanda e assim, puxa vida, eu tenho a Amanda e eu estou fazendo igualzinho a minha mãe". Dessa forma, sobre a profissão que escolheu exercer após a maternidade, expôs que "[...] me realizou como mãe [...] eu tive próximo aos meus filhos, eu vi eles crescerem, sabe, então, eu pude acompanhar eles nos estudos" e, ainda, "Dei afeto, dei presença [...] porque foi assim a proposta que eu fiz de ser mãe, né".

No que se refere à **vida escolar**, afirmou: "[...] eu tinha muita dificuldade de aprendizagem" e sobre o **envolvimento dos pais**, informou que "[...] 'tavam' sempre preocupados, né, porque eu não queria ir para a aula [...] então, eles sempre estimulavam e eles sabiam da minha dificuldade [...] eu acho até que eu tenho até um pouco de dislexia, sabe? ". A entrevistada percebe a relação entre sua vida escolar e a dos filhos: " [...] eu tinha muita dificuldade de concentração, e sempre tive, e os meus filhos, meus dois filhos são iguais [...] então, eu entendo eles, porque eu já passei por isso [...] como tive muita dificuldade, os meus filhos também têm muita dificuldade e, como não tive esse apoio, eu tentei sempre apoiar meus filhos".

Em relação aos **rituais** da família de origem e da família nuclear, a entrevistada contou sobre os momentos de lazer na infância, onde viviam em "ambiente ótimo [...] tínhamos piscina, então, as férias inteiras na piscina, no clube lá que tinha". Da mesma forma, os filhos de Carmen tiveram acesso à piscina em casa e também foram/vão à casa dos avós que moram na praia. Sobre os momentos em que os três estão juntos na casa de seus pais, a entrevistada relatou: "[...] aí a gente faz a festa do pijama, a gente, entendeu? Daí fazemos pizza, fazemos tudo aquilo que a gente gosta de fazer".

Uma particularidade identificada na história de Carmen foi a questão da violência sexual. Carmen, quando criança, sofreu abuso de uma pessoa estranha à família, e, somente anos mais tarde, pode compreender o que havia acontecido com ela. O mesmo ocorreu com sua filha que, na adolescência, foi estuprada por seu padrasto, o segundo marido de Carmen, fato esse que a entrevistada somente foi ter conhecimento após sua separação. Trata-se de uma questão que foi recentemente revivida em razão do conhecimento da violência sexual que o avô de Amanda por parte de pai cometeu contra a neta, sua irmã por parte de pai.

Em relação à influência da família de origem sobre sua família atual, destacou a questão da **união familiar**: "[...] meus pais foram muito família, assim toda nossa

família, como ajudar e manter a família [...] é o que eu tento fazer com os meus filhos também [...] eu procurei manter essa relação de família, né". Além disso, a entrevistada destacou o **valor da responsabilidade**, baseado no relato de uma fala do pai: "[...] oh Carmen, agora você tem 15 anos, tudo que fizer a responsabilidade (é) tua, né, entendeu? [...] essa responsabilidade que eu passo para os meus filhos, né, que eles têm que ser responsáveis pelas atitudes deles porque eles que vão ter que assumir essas atitudes [...] eu criei a Amanda para a vida, para ser uma mulher independente e, hoje, ela é uma mulher independente" e, também, "[...] então, eu falo de responsabilidade para eles". Quando questionada especificamente sobre a influência da mãe, ressaltou os **valores** apreendidos em relação à **atenção e ao cuidado** com os filhos: "[...] muito, muito, atenta a tudo assim, né, sou exagerada até, até o Anderson diz, lá vem a mãe com aquelas histórias dela [...] eu sou muito drástica, aí, filho, não faz isso que pode cair, não sei o quê, não sei o quê, ah, não come isso aqui que pode dar câncer, sabe, então ele já diz, lá vem a mãe [...] muito atenta aos filhos, né".

3.2 "A INFLUÊNCIA QUE EU SOFRI DELAS, EU NÃO QUERIA ISSO PARA MIM"

A segunda entrevista foi realizada com Rosângela, que há dezesseis anos mora junto com o companheiro, pai de sua filha (Marcela) de seis anos. É filha de pais separados há aproximadamente 25 anos, que constituíram novos relacionamentos mantidos até hoje. Tem quatro irmãos, três mais velhos e uma mais nova, sendo que a irmã mais velha, por parte de mãe, é fruto da relação incestuosa do avô da entrevistada contra sua mãe[4].

Em relação às situações observadas na **conjugalidade** dos pais, relembrou sobre o pai: "meu pai bebia muito, 'tá', muito, muito, muito assim [...] ele batia na minha mãe, né [...] foi um bom pai, mas, ao mesmo tempo, como marido, não foi bom marido [...] o pai nunca foi, assim, um homem, com ela, assim, acolhedor, carinhoso, ele tinha momento de carinho, mas, ao mesmo tempo, assim, sabe aquela pessoa muito bruta?". Ainda, sobre o que observava do relacionamento dos pais, apontou: "[...] com a mãe, assim, ele sempre na base da grosseria, não elogiava ela, não, daí, (eu) até falava assim, ai, mãe, é difícil, né, para a gente ver, eu não quero casar e ser assim, né". Além disso, sobre a **divisão de tarefas domésticas**, relatou ao lembrar como eram os encontros de família e amigos em

[4] Logo, a irmã mais velha da entrevistada é também sua tia, por ser filha de seu avô.

sua residência: "[...] minha mãe fazia tudo [...] hoje em dia, que a gente é casado, Deus me livre se meu marido fizesse comigo o que o pai fez com a mãe".

Ao contrário dos aspectos do pai identificados pela entrevistada como negativos, quando questionada sobre as principais **características do companheiro**, apontou: "[...] como marido, assim, ele é muito bom [...] ele é cuidadoso com a gente, comigo, com a Marcela, com a casa, com tudo assim, ele realmente zela, zela pela gente [...] ele é extremamente carinhoso em todos os sentidos e com os amigos também, ele é uma pessoa, todo mundo gosta dele, né". Ainda sobre o esposo, a entrevistada apontou que: "[...] 'tá' trabalhando dentro de casa, então o Daniel assumiu muito essa questão de casa, de limpar a casa, de cuidar tanto de mim quanto da Marcela assim, então atualmente ele cuida da gente, então a Marcela vê isso como normal [...] ele também me dá força para que eu tenha estabilidade emocional, de eu conseguir sair para trabalhar [...] de ele conseguir amparar tanto a mim quanto a Marcela".

Ao ser questionada sobre a **percepção de repetição de padrões familiares**, a entrevistada disse que, em relação à escolha conjugal, buscou viver um relacionamento diferente do vivido pela mãe e pela avó: "[..] na geração da minha avó quanto da minha mãe (sic), elas foram muito submissas assim, de, de, submissas em todos os sentidos, né, daí, eu já acho que eu, na minha geração agora, a influência que eu sofri delas, eu não queria isso para mim, de querer ser independente não só na, nessa questão financeira, mas também de não ter esse relacionamento onde o homem exerce tanto o domínio sobre a mulher, eu acho que a relação tem que ser de igual para igual, né, são dois seres que têm gostos, preferências, né, sonhos que se completam e não que um tem que dominar o outro, eu acho que tem que ser igual e isso acho que é uma coisa que eu vi nelas e não queria para mim".

Além disso, em relação à **parentalidade**, afirmou que a dualidade trabalho *versus* maternidade foi, inicialmente, uma questão difícil em sua vida: "cada vez que eu precisava sair para ver uma coisa da Marcela, assim, eu sofria tanto com a loja, porque a pessoa que me contratava na época [...] confiava era em mim". Assim, após a maternidade, passou a repensar sua carreira e as escolhas profissionais feitas até aquele momento: "[...] com a Marcela, veio várias (sic) outras questões assim, que eu disse assim, ah, agora eu tenho uma filha, eu tenho que ter tempo para ela, vou viver como dessa rotina que eu tinha da loja, era muito sobrecarregado para mim, porque eu vivia realmente muito para lá". Sobre o exercício da parentalidade, indicou sobre a filha:

“depois que ela nasceu, a gente fechou muito, né, então, ela acaba fazendo muito, no dia a dia ali, no final de semana é muito nós três”.

Nessa linha, ao ser questionada sobre a influência da família no que se refere à parentalidade, a entrevistada apontou as **diferenças verificadas em relação às gerações anteriores**, uma vez que o tempo de dedicação e cuidado aos filhos foi percebido como distinto em relação às gerações de mulheres anteriores: “[...] o tempo que eu dedico a ela, eu acho que é maior tempo do que a minha mãe dedicava para mim, porque a minha mãe trabalhava muito. A minha vó, relacionada aos filhos, acho que também não se dedicava a eles, que de tanto filho, um criava, ajudava a criar o outro”. No entanto, ao relembrar sobre a educação da mãe, apontou: “[...] apesar do pouco tempo que ela tinha conosco ela também sempre foi muito carinhosa, tentou ajudar, repreendia quando era preciso e eu acho que com relação à Marcela eu também sou assim, eu ajudo, sou carinhosa e também sei chamar a atenção quando necessário”. Sobre essa questão, apontou ainda em relação aos valores da família de origem que busca aplicar na família nuclear: “[...] tentar manter a **família também unida,** né, doar um pouco de si para que as coisas vão (sic) bem, né ”.

No que se refere ao **envolvimento dos pais na vida escolar**, a entrevistada afirmou: “[...] meu pai não conversava com a gente, quem conversava era mãe, a mãe apoiou, vai filha, vai estudar, a mãe dava um jeito de tudo que ela podia fazer para a gente”. Já em relação à filha, afirmou que tanto ela quanto o marido participam da vida escolar: “[...] tanto eu quanto o pai dela assim [...] a gente conversa sobre a rotina, o que que ela fez, a gente sempre pergunta para ela, o que que ela fez, o que que ela gosta, de que amigo ela gosta, todos os dias, [...] vai (sic) nós dois juntos (nas reuniões da escola), sempre a gente foi de, de conversar assim, se teve algum problema, que foram muito poucos assim, de mordida e tal”. E no que tange às práticas parentais, afirmou sobre a família de origem: “[...] a gente apanhava mais da mãe do que do pai [...] a gente não tinha medo da mãe (risos) [...] mas o pai, o pai só bastava olhar, engraçado, né, a diferença (risos)”.

Em relação ao discurso da entrevistada, observou-se a busca e a **valorização da independência**: “[...] queria morar fora [...] queria ser independente [...] porque o meu objetivo era morar sozinha e eu consegui dessa forma [...] onde que eu acho que eu sou a mãe nesse sentido, que eu tinha que fazer as coisas, eu tinha que, que me sustentar, que tinha que adquirir as coisas, e daí eu acabei deixando de lado essa questão do profissional”. Sobre esse **valor** presente em sua vida, atribui ao que aprendeu com a mãe:

“minha mãe sempre trabalhou fora [...] sempre, de ela fazer uma faxina de manhã e de tarde, cinco dias por semana, 10 casas [...] a mãe sempre falava assim, que a gente tinha que não depender de marido, indiferente da situação, se eu trabalhasse de empregada ou que, que fosse, que não dependesse, que a gente tinha que ser independente do marido, né”. Esses valores, conforme afirma, são atualmente transmitidos à filha: “[...] a forma como eu ajo com a Marcela, eu acho que eu passo para ela, assim como eu gosto, quero também que ela seja independente [...] a Marcela é bem determinada assim, ela é focada, quando ela quer alguma coisa, realmente ela quer, ela, ao mesmo tempo que eu sou determinada, que eu digo que ela tem isso de mim assim, que a gente é muito, ah eu quero uma coisa eu vou, vou até conseguir”.

No que diz respeito aos **rituais**, destacou-se a **religiosidade** da família de origem, principalmente em relação mãe: “[...] por parte da mãe, são de frequentar, são católicos, vão à missa, né, a gente sofreu toda essa influência também, de ir para a catequese, né, de chegar a ser catequista, a mãe ajudava nos cultos [...] depois a gente ia por si só, eu fui catequista, a minha irmã também foi [...] continuamos por vontade própria”. Sobre essa questão na sua família atual, afirmou sobre a filha: “[...] então, ela sempre reza antes de dormir, todo dia ela reza o santo anjo [...] tanto que ela teve uns pesadelos, ela sentou na cama e rezou um santo anjo, porque a gente sempre fala que tem um anjinho da guarda, que protege ela [...] então ela entende que, que existe algo maior do que a gente [...] mas a gente quer que ela tenha essa fé, né, e ela tá absorvendo bem”.

3.3 “EU SINTO QUE EU TENHO VÁRIAS GERAÇÕES PASSANDO PARA A MINHA FILHA”

A terceira entrevistada, aqui denominada Flávia, está casada com seu marido há quatro anos, com quem vive um relacionamento de aproximadamente dez anos e juntos tem uma filha (Bruna) de cinco anos. Flávia já foi casada, e seu primeiro casamento durou um ano, período em que se relacionavam à distância por razões profissionais. Em relação à família de origem, informou que seus pais vivem juntos há quase quarenta anos, num relacionamento violento e conturbado. A entrevistada tem duas irmãs mais velhas, uma fruto do primeiro casamento da mãe e outra do casamento da mãe com seu pai.

Conforme exposto pela entrevistada, no que diz respeito ao **relacionamento dos pais**, ela e as irmãs constantemente presenciaram situações de agressividade e violência

entre os genitores: “[...] as brigas deles, desde o primeiro dia que eles se conheceram [...] de ver a minha mãe arrancando a roupa no meio da rua, se jogando na frente do carro para o meu pai não partir, para não ir embora [...] era a base de brigas violentas, brigas no sentido de chamar a polícia, de se machucarem [...] eles faziam questão de brigar na frente da gente, de ter plateia, digamos assim, mas as brigas eram assim, de eu ver o meu pai puxando minha mãe pelo corredor, pelos cabelos, de tocar fogo em casa, e aí a minha mãe jogar as roupas dele pela janela quando a gente morava no prédio, eram brigas bem, bem violentas”. Segundo Flávia, a forma violenta com que os pais se relacionam permanece até hoje: “[...] é extremamente conturbado e é conturbada até hoje”.

Ao ser questionada sobre seus projetos de vida, contrapondo o relacionamento vivido pelos pais, afirmou: "[...] me imaginava numa família feliz [...] minha prioridade era ter uma família, eu acho que eu batalhava muito, muito por ter uma família dessa de comercial de margarina". Em relação ao **relacionamento que constituiu com o atual marido**, Flávia informou: “[...] sempre foi bem tranquilo [...] acho que a gente nunca brigou, assim, quando eu tive a Bruna eu comecei a ficar mais irritada, irritada assim de qualquer coisa, se alguém esbarrar em mim eu já achava ruim, e aí, eu fui ficando mais explosiva [...] eu já estava grávida da Bruna quando eu vim a descobrir que ele ainda conversava com a ex-namorada, e aí, minha visão com ele mudou, no sentido de que ele não é mais tão perfeito assim”.

Sobre as situações vivenciadas após o nascimento da filha, Flávia relata suas percepções em relação ao seu comportamento no relacionamento conjugal: [...] depois que Bruna nasceu, eu fiquei bem ciumenta, a gente brigava bastante [...] toda vez que alguém da família dele tem contato com a ex, aí é uma briga aqui [...] mas eu estouro, nesses momentos, eu jogo o que eu tiver, eu quebro, eu sei que ela tinha dado um CD para ele, eu fui lá e quebrei o CD, joguei, a irmã dele tinha dado um ovo de Páscoa, aí eu joguei no chão, ele que limpou, e aí, assim, eu saio de mim, eu quebro tudo, então coisas que eu não fazia antes da gestação, da gravidez, vamos dizer assim, eu passei a fazer, aí eu vejo muito semelhante com a minha mãe, de quebrar tudo, de não quero saber, se tiver que bater bate, só que eu faço isso com ele”.

Ao ser questionada sobre a percepção que tem da **influência da mãe na forma como se relaciona com o esposo**, respondeu: “[...] eu sou explosiva que nem a minha mãe, de arranjar confusão [...] a minha mãe fere muito nas palavras, minha mãe, às vezes, consegue te destruir na forma como ela fala contigo, e aí, eu vejo eu replicando isso com

meu marido, muito forte [...] eu desconto muita coisa nele (marido) e eu falo palavras muito agressivas nesse sentido para espezinhar ele [...] minha mãe é assim também, eu tento o máximo possível afastar ele da família nesse sentido, minha mãe também não gosta de ninguém, então assim, eu trago muita coisa, da família, né [...] dou um jeitinho de provocar, de jogar na cara, então, se eu 'tô' brava então, falo palavras assim que é para deixar ele um lixo, e aí, isso acontece, e aí, eu vejo que eu faço igualzinho a minha mãe". Ainda, no que se refere a **divisão das tarefas domésticas**, a entrevistada observa semelhanças entre a família de origem e a família nuclear, no sentido de ela e a mãe serem mais ativas nos cuidados com a casa, enquanto o pai e o marido não contribuem nesse quesito: "[...] no sentido de casa, ele é muito parado para serviço de casa, que eu acho que o homem poderia estar fazendo mais, que eu vejo que meu pai não faz, ah se tiver alguma coisa, a pia entupida, quem vai arrumar sou eu, ele não arruma" e, continua, ao ser questionada sobre quem fazia as tarefas domésticas: "[...] era minha mãe, minha mãe ou a gente, meu pai também não, então nisso é semelhante, eu sou mais ativa no sentido de que se tem que trabalhar vamos trabalhar, vamos fazer, a gente não para, ele é mais sossegado, de ficar em casa".

Em relação às **práticas parentais**, relatou: "[...] meu pai nunca bateu na gente, né, o meu pai nunca foi violento nem comigo nem com as minhas irmãs [...] minha mãe sempre foi uma mulher muito violenta, batia muito na gente [...] a gente apanhou muito, mas assim, violentamente, no sentido de ela pegar uma mangueira na máquina e enforcar a gente, de colocar a gente é, ajoelhada no tapete com milho e bater muito, muito, muito [...] minha mãe me bateu muito, né, pegou um fio de, de ferro, e aí, é como se fosse essa beira-mar inteira me batendo, aí fiquei com muitos vergões assim, muito machucada". No que diz respeito à educação da filha, expôs como reage diante de comportamentos considerados inadequados: "[...] eu tento conversar e tudo, eu fico irritada, não vou te falar que não fico, me sobe o sangue, o marido consegue mais, consegue ter mais jeito para acalmar ela, eu sou bem enérgica com ela, no sentido de exigir bem mais, talvez, é, eu me vejo às vezes, né, bem próximo da minha mãe, eu grito, se tem que fazer pegar, vai pegar e não arreda o pé, eu (digo) vai pegar, pode ficar duas horas, se ela jogar alguma coisa no chão lá tem que pegar".

Em relação ao **envolvimento dos pais na vida escolar**, afirmou: " [...] os únicos dois episódios que a minha mãe foi na escola foi quando eu apanhei na escola, aí sim, ela foi para me defender [...] meus pais nunca incentivaram assim de estudar [...] escola

sempre mandava que a gente tinha de dificuldade, mas meus pais nunca foram ver isso, na escola não". Já em relação à participação na vida escolar da filha, respondeu: "[...] sempre que a gente pode, em todos os momentos, para qualquer coisa [...] sempre os dois que vão levar ela, em todas as reuniões [...] quando dá sim, todos, os dois [...] geralmente é (sic) os dois, mas quem fica mais com ela é o (marido) [...] às vezes sou eu, quando dá tempo, sou eu, mas geralmente quem faz mais as tarefas é ele".

Na narrativa da entrevistada, foram apresentados dados sobre a crença da mãe de que os outros não são confiáveis: "[...] quando criança, a gente não podia dormir na casa de nenhuma amiga e nenhuma amiga dormir na nossa casa [...] a gente não podia ficar com a porta trancada com ninguém, então nenhum homem poderia se aproximar da gente[...] minha mãe sempre falou para a gente tomar cuidado com os outros [...] minha mãe acha que qualquer um pode ser um estuprador em potencial". Sobre as consequências dessa desconfiança da mãe em relação aos outros, afirmou que:"[...] então, isso sempre me causa medo, sempre estou olhando a Bruna, ela tem que estar do meu lado, eu fico no meu imaginário com várias possibilidades de qualquer pessoa que seja, inclusive eu falei isso para o Daniel [...] minha mãe colocou na minha cabeça, tanto, tanto, tanto, eu e as minhas irmãs, né, então a gente ficou (sic) o tempo todo desconfiada com tudo, com todos que se aproxima (sic) muito da Bruna eu já me incomodo".

No que se refere aos **valores** transmitidos pela família de origem, Flávia destacou a questão do trabalho e relatou como era a rotina dos pais: "[...] todos os dias, das 6 horas da manhã até às 10 horas da noite de sábado, domingo [...] minha mãe ficava trabalhando e meu pai ia para o bar [...] pegar no pesado mesmo era minha mãe". Sobre o período em que estava noiva de seu primeiro marido, informou: "[...] eu trabalhava, assim, numa contabilidade, das 7:30 da manhã até umas 5:30 da tarde, fazia meia hora de intervalo, depois ia trabalhar com os meus pais, das 6 horas da tarde até uma ou 1:30 da manhã, aí dormia no carro ali no fusca que meu pai tinha até chegar em casa por volta de umas três quatro horas da manhã, dormia e fazia isso, final de semana ou eu ia capinar quintal ou eu ia pintar algum lugar para poder ter dinheiro para comprar os móveis". Essa questão do valor do trabalho foi mantida até o nascimento da filha, momento em que optou por não voltar a trabalhar no término da licença-maternidade.

Uma particularidade identificada na história da entrevistada foi a questão de ela e sua mãe terem passagem no sanatório, para onde ambas foram encaminhadas depois de situações vivenciadas nos términos de seus primeiros casamentos. Conforme expôs a

entrevistada, sua mãe, ao decidir separar-se do marido, perdeu a guarda de sua filha (irmã mais velha da entrevistada). Por essas razões, conforme informou a entrevistada: [...] minha mãe enlouqueceu, surtou, e aí ela foi parar no sanatório". Em relação à história de Flávia, relatou que, após um ano de casamento, o até então marido manifestou o desejo de separar-se. Nesse período em que passavam por problemas e discutiam sobre quem ficaria na casa onde moravam, Flávia ligou para o marido e pediu para levá-la ao hospital, sendo que, ao chegarem lá, a entrevistada contou que o marido "falou para o médico que eu era louca, que eu tinha surtado". Enquanto esteve no hospital, a entrevistada contou ter tomado um "sossega leão": "[...] eu só lembro que, que eu acordei assim meia (sic), com a minha mãe assinando alguma coisa, e aí, eu fui parar no sanatório". No caminho para o sanatório, enquanto Flávia estava dopada, lembra da mãe falando para ela: "nossa, eu estou vendo a minha história em você, se repetindo". No entanto, segundo o relato da entrevistada, após a chegada no sanatório, outras pessoas da família compareceram ao local e, após o esclarecimento da situação, não foi necessária a sua internação.

Sobre as pessoas que marcaram sua vida e com quem tem **identificação**, afirmou ao longo dos relatos da entrevista: "[...] eu sou meio termo, porque parece que eu sou muito parecida com a minha mãe e, ao mesmo tempo, com a minha madrinha [...] é uma mistura, é muito louco, é uma mistura, eu ajo muito, coisas que eu criticava da minha mãe eu vejo o que eu ajo muito igual, mas em questão de família e de carinho, com certeza, minha madrinha, então eu acho que o que eu não tive com os meus pais, eu tive com a minha madrinha e eu consigo transmitir para a minha filha e na minha família, o que eu tive com os meus pais de vamos batalhar e, né, eu consigo trazer para a minha família também, mas eu tenho muito meio a meio". No entanto, quando questionada sobre quem dentre o pai, a mãe ou a madrinha apresenta características que mais se assemelham a ela, respondeu: "[...] ah, da minha mãe ainda, por mais que eu não queira, é da minha mãe".

No que diz respeito à **influência da madrinha**, afirmou: "[...] eu acho que da minha madrinha, se não fosse o fato dela me dar tanto carinho, né, carinho, eu acho que eu não conseguiria dar para a minha filha, eu, a última vez que eu falei com ela por telefone ela me deixou um conselho [...], abraça, beija e fala todo dia que tu ama tua filha e aí eu faço isso [...] então, nesse sentido, eu acho que eu sou muito, muito eu trouxe da minha madrinha, nesse sentido de dar carinho". Sobre a influência do afeto recebido pela madrinha na relação com a filha, ao ser perguntada sobre momentos marcantes com a criança, relatou: "[...] eu acho que momento marcante é a hora de dormir, porque é uma

mãozinha pequenininha tocando ali, é o momento que você consegue escutar o que ela ‘tá’ falando, falando às vezes como ela foi na escola ou às vezes os medos dela [...] se ela ‘tá’ feliz, eu acho que se torna um momento marcante [...] eu acho que (é) marcante quando ela ‘tá’ bem”.

4 CONVERSANDO COM A TEORIA

Com base na exposição dos trechos relatados pelas entrevistadas que foram agrupados de modo a relacionar as experiências da família de origem e da família nuclear, tornou-se possível a identificação de pontos em comum e singularidades entre as histórias que serão apresentadas a seguir em conversa com o referencial teórico.

A partir dos dados colhidos nas entrevistas, em relação à conjugalidade, ficou evidente na história das três participantes a busca por relacionamentos conjugais diferentes daqueles vivenciados por seus pais. Nos três relatos, aparecem informações sobre brigas e discussões dos pais, inclusive na frente dos filhos. Ainda, outro ponto em comum foi a questão da ingestão excessiva de álcool pela figura paterna. Nas histórias de Carmen e Rosângela, em razão da observação dos aspectos negativos dos pais, afirmaram que viram a mãe aceitar muitas coisas dos pais que não aceitariam. Já para Flávia, as questões negativas destacaram-se no comportamento de sua mãe, a quem atribui um comportamento provocativo e agressivo.

Em relação a essa questão, conforme afirmam Falcke, Mosmann e Wagner (2005), a escolha do cônjuge pode estar baseada na observação dos relacionamentos dos pais, ou seja, quando percebidos como positivos, pode-se buscar relacionamentos similares e, quando negativos, a busca pode se dar no sentido contrário daquilo que os pais vivenciaram, o que, muitas vezes, faz com que os sujeitos recaiam numa diferente versão de uma mesma situação, gerando consequências semelhantes àquelas evitadas. Tal afirmação corrobora com a expectativa das participantes, sendo que, especificamente no caso de Carmen, apesar da busca por uma relação diferente da observada na conjugalidade dos pais, vivenciou em seus relacionamentos consequências negativas, pois, conforme entendeu, seu erro foi buscar o contrário do pai.

Ocorre que, não obstante os aspectos negativos vividos na conjugalidade, Carmen demonstrou o desejo de que a filha viva um relacionamento positivo e saudável. Falcke e Wagner (2005) entendem que, apesar das influências que o sujeito pode sofrer da família

e da sociedade no processo de escolha do cônjuge, bem como na forma com que o relacionamento será constituído, as situações não estão determinadas e, diante de circunstâncias e padrões que se repetem de modo negativo, há possibilidade de mudança e criação de novas formas de se relacionar, que sejam positivas e libertadoras. Dessa forma, a filha de Carmen não necessariamente viverá relacionamentos amorosos negativos, pois outros fatores estão envolvidos na escolha do cônjuge, além daquelas experiências observadas na família de origem.

Ainda quanto à conjugalidade, identifica-se nos relatos de Rosângela e Flávia que, diferentemente de alguns aspectos negativos observados nos pais, características positivas foram identificadas em seus maridos, como a forma afetuosa na relação com a família e o auxílio nos cuidados com as filhas. Flávia, especificamente, passou a ter desentendimentos com o marido somente ao descobrir um fato sobre o companheiro que gerou insegurança, momento em que passou a apresentar o comportamento provocativo também observado na mãe, manifestado principalmente em relação à agressividade nas palavras. Esse aspecto da repetição observado em Flávia, pode ser compreendido por meio da afirmação de Falcke e Wagner (2005, p. 28) no sentido de que há certos momentos do ciclo evolutivo vital, comumente relacionados a períodos de crise, em que há “acúmulo de estresse no núcleo familiar”, situações nas quais ocorre um impacto da transgeracionalidade que possibilita o congelamento ou a força propulsora para mudanças, sendo que no caso de Flávia, observou-se a cristalização do comportamento agressivo da mãe. Nesse sentido, apesar de não ser relatada violência física entre Flávia e seu esposo, identificou-se a caracterização de violência psicológica por parte da entrevistada, não menos grave, e que se apresenta como uma possibilidade de manifestação de violência conjugal (ROSA; FALCKE, 2014).

No caso de Rosângela, a busca por um relacionamento diferente dos vividos pela mãe e pela avó, marcados pela submissão aos maridos, tornou-se concreta na conjugalidade constituída com o marido que lhe proporciona a liberdade para exercer a independência profissional e com quem entende viver numa relação de igualdade. Nessa linha, Anton (2012) esclarece que a organização do casamento e da família é definida com base no tempo, no espaço e na cultura em que se está inserido, ou seja, são subsistemas subordinados a sistemas maiores e mais fortes e como os sujeitos estão a serviço do sistema e da cultura do qual fazem parte, têm o poder de questionar e agir por mudanças que movimentam o sistema, produzindo novos valores e formas de pensar, de

modo a gerar novas ações e comportamentos. Dessa forma, as mudanças familiares e sociais têm possibilitado a constituição de relacionamentos equânimes e que tendem a romper com a submissão feminina anteriormente vivenciada nas relações conjugais, como foi o caso de Rosângela.

Sobre a busca por caminhos diferentes dos trilhados por outros membros da família, Murray Bowen desenvolveu um método de terapia que aborda o conceito de diferenciação e que diz respeito ao processo que conduz o sujeito à individuação (MARTINS; RABINOVICH; SILVA, 2008). Conforme verificou-se em seus estudos, o grau de ansiedade e diferenciação observados na família influenciam o funcionamento e o relacionamento dos membros da família, sendo que o aumento de ansiedade gera tensões no sistema que resultam no bloqueio da diferenciação e na produção de sintomas (WALSH, 2016). No caso de Rosângela, o fato de conhecer e negar a forma de constituição da conjugalidade dos pais e avós possibilitou a descontinuidade do padrão familiar que resultou na construção de um relacionamento positivo com seu parceiro.

No que se refere à divisão de tarefas domésticas, os relatos de Rosângela e Flávia deixam claro que os cuidados com a casa eram atribuídos às mães, apesar de trabalharem fora. Conforme aponta Araújo (2010), a família passou por diversas transformações até chegar a um modelo que se aproxima de valores mais igualitários e democráticos, não obstante esses ideais ainda encontram dificuldades para a sua efetivação em razão, por exemplo, da continuidade da divisão das tarefas domésticas, uma vez que a mulher, mesmo trabalhando fora e investindo na qualificação é prioritariamente responsável pela administração da casa e pelo cuidado com os filhos. Sobre essa questão específica das atividades de casa, enquanto Rosângela afirma contar com a participação do esposo nos cuidados com a casa e com a filha, Flávia revelou sentir falta de mais ajuda nas questões domésticas, pois percebe que o marido, assim como seu pai, não é ativo dentro de casa, apesar de considerar os cuidados que o marido tem com a filha.

Sobre a educação dos filhos, Wagner e outros (2005), indicam que na busca de atender às atuais demandas, os pais têm compartilhado com as mães as tarefas e responsabilidades educativas. No entanto, esse movimento nas funções e práticas parentais não tem ocorrido de modo simultâneo em todos os núcleos familiares. Assim, não obstante as mudanças sociais que resultaram no aumento da representatividade feminina no espaço público e na democratização dos relacionamentos conjugais, em

algumas relações a mulher, prioritariamente, assume a responsabilidade pelo cuidado dos filhos e pela realização de tarefas domésticas (WALSH, 2016).

No que se refere à prática da parentalidade, observou-se que em relação à Carmen, a educação pautada no diálogo foi transmitida aos filhos, com quem afirma manter uma relação de proximidade e amizade. Rosângela, apesar de afirmar que apanhava mais da mãe do que do pai, relatou sentir mais medo da figura paterna e nos trechos em que fala sobre a relação com a filha, demonstrou que a educação se dá com base no diálogo. Nesse sentido, sobre a forma de prática parental adotada pelas entrevistadas, Falcke, Predebon e Wagner (2005), apontam que a partir do século XX, com a diversidade de informações à disposição dos pais, as preocupações passaram a ser no sentido de desenvolver a autonomia dos filhos e garantir sua felicidade, utilizando-se, para tanto, de recursos não punitivos, como o diálogo, passando-se do autoritarismo para um modelo permissivo de educação.

Em relação à Flávia, relatou não ter apanhado de seu pai, mas ter vivenciado muitas situações de violência por parte da mãe. A entrevistada que foi influenciada pela mãe e pela madrinha na constituição de sua subjetividade, manifesta a dualidade dessa influência na criação da filha, uma vez que ora perde a paciência e grita, ora demonstra carinho e afeto. Sobre essa questão, Falcke, Predebon e Wagner (2005) afirmam que na tentativa de não repetir os modelos de educação adotados pela família de origem, considerados inadequados ou errôneos, os pais procuram diferentes alternativas para educar seus filhos. Nesse processo educacional, os autores apontam que outros fatores colaboram para a assimilação de valores como a escola, os amigos, os meios de comunicação e outras pessoas significativas na vida do sujeito. Dessa forma, o afeto e a forma como foi cuidada pela madrinha, que foi uma pessoa marcante em sua vida, pode ser sido determinante para aumentar o leque de possibilidades na forma como a entrevistada trata e cuida da filha.

No que tange ao modo como as entrevistadas foram educadas e como educam seus filhos, Marin e outros (2013) apontam que as práticas educativas, classificadas em indutivas, ou coercitivas, podem ser influenciadas por características dos pais, relacionadas a educação que receberam de seus genitores ao longo de sua infância e adolescência. No entanto, os resultados de seus estudos, apontaram que diversas variáveis podem explicar a transmissão ou não das práticas educativas como as práticas utilizadas pelo cônjuge, o temperamento da criança e a reflexão crítica sobre a adequação ou não

dos métodos que eram utilizados quando crianças. Assim, não obstante a repetição de algumas práticas parentais observadas nas histórias das entrevistadas, outros fatores devem ser levados em consideração no processo educacional dos filhos, como o contexto sócio-histórico-cultural em que os sujeitos estão inseridos, a influência do cônjuge na divisão da educação dos filhos e a reflexão em relação à necessidade de manutenção ou modificação dos padrões adotados por seus pais.

Em relação ao envolvimento dos pais na vida escolar, Carmen apontou que suas dificuldades de aprendizagem foram experienciadas também pelos filhos o que contribuiu para entendê-los e buscar formas de ajudá-los, diferentemente do que seus pais puderam oferecer. Rosângela contou com o apoio da mãe, já que seu pai não se envolvia nessas questões, enquanto Flávia afirmou que nenhum dos pais participava das reuniões ou se preocupava com o desenvolvimento escolar das filhas. Por outro lado, todas as entrevistadas indicaram a implicação na vida escolar dos filhos, sendo que Flávia e Rosângela dividem com seus esposos a preocupação e participação no processo educacional das filhas.

Essa compreensão dos pais em relação à importância do envolvimento na vida escolar ou em outros âmbitos da vida dos filhos, demonstram a preocupação com o desenvolvimento, socialização e bem-estar dos filhos. Nesse sentido, segundo Falcke, Predebon e Wagner (2005), a parentalidade sofreu transformações nos últimos tempos, apresentando-se como uma negativa do padrão autoritário dos pais até então vigente, uma vez que o que se vê atualmente é um maior poder atribuído aos filhos na dinâmica familiar. Essa questão da valorização da criança também se enquadra na história de Rosângela ao perceber a diferença no tempo de dedicação aos filhos, uma vez que a entrevistada, apesar de trabalhar fora, entende dedicar mais tempo à filha do que sua mãe e sua avó dedicaram aos filhos. Nesse ponto, o tempo, o espaço e a cultura são elementos fundamentais para compreender como diferentes gerações atuam na educação dos filhos.

Outro ponto que se destacou na história das três entrevistadas foi a dualidade entre o trabalho e a maternidade que surgiu após o nascimento dos filhos. Nas três narrativas, observou-se que as mães das participantes trabalhavam fora o dia todo, algumas no final de semana, inclusive. Esse valor do trabalho e da independência foi transmitido às três mulheres que antes da maternidade indicaram terem trabalhado muito. No entanto, com a chegada da maternidade, optaram por trilhar caminhos diferentes das mães, de modo a viabilizar a participação na vida dos filhos, considerando que a fala de algumas indicou

que o sentimento resultante da ausência sentida pela mãe a levou a buscar uma profissão que possibilitasse a proximidade com os filhos, como foi o caso de Carmen. Conforme expõem Carter e McGoldrick (1995), os ciclos de vida individual ocorrem dentro do ciclo de vida familiar, sendo que a passagem de um ciclo ao outro pode gerar transformações, positivas ou negativas, em todos os membros da família. Assim, considerando que um dos estágios de vida das famílias é a formação do casal e outro é a família com filhos pequenos, essa transição entre estágios gera mudanças na dinâmica do casal e, no caso da mulher, pode gerar reflexões sobre outros aspectos de sua vida, como o profissional.

Conforme apontam Szapiro e Féres-Carneiro (2002), a busca pela libertação e direitos igualitários colocou a mulher diante de duas diferentes esferas: a privada, relacionada às questões domésticas, e a pública, no exercício do trabalho. Dessa forma, apesar das diversas mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas que possibilitaram uma maior participação das mulheres no espaço público, como o mercado de trabalho, aspectos relacionados à vida privada, como os cuidados como os filhos, ainda são exercidos prioritariamente pela mulher. Nessa perspectiva, ressalta-se a construção de uma ideia de naturalização dos conceitos e práticas relacionados à maternidade, que se estabeleceram com base em discursos oriundos da Medicina e da Psicologia (MOURA, 2004). Essa naturalização da maternagem pode ser observada nas experiências das entrevistadas que não questionam o fato de a parentalidade ser compartilhada e de somente elas terem feito novas escolhas no sentido de adequar suas vidas após a maternidade.

Sobre esses aspectos compartilhados entre os membros da família, Wagner (2005) aponta que os padrões familiares são definidos a partir de alguns fenômenos como valores, crenças, rituais e mitos que se conservam na história familiar. Conforme esclarecem Falcke e Wagner (2005, p. 31), valores são os “aspectos que a família ou o grupo social se preocupam em transmitir aos seus descendentes”. Nos relatos das entrevistadas verificou-se a transmissão do valor da independência e do trabalho nas histórias de Rosângela e Flávia. Já os valores de cuidado, atenção e responsabilidade foram interiorizados por Carmen e transmitidos aos seus filhos. No caso de Flávia, ficou evidente o valor de tomar cuidado com os outros, de modo que a desconfiança em relação às pessoas foi transmitida pela figura materna e agora é vivenciada pela entrevistada em relação a sua filha.

Em relação aos rituais, que podem ser definidos como um conjunto de atos e comportamentos com função de aprendizagem que se repetem ao longo do tempo e dos quais participam todos ou parte dos membros da família (FALCKE; WAGNER, 2005), verificou-se, na história de Carmen, a repetição do modo como a família de origem e a família nuclear vivenciaram momentos de lazer, como o uso da piscina. Pode-se deduzir que essa é a forma que a família entende usufruir do tempo livre em busca de diversão e descanso. Ainda em relação aos rituais, identificou-se no relato de Rosângela a questão da religiosidade, já que costumava frequentar a igreja com sua família, tendo, inclusive, se tornado catequista e essa crença é agora repassada para a filha que, nos momentos em que sente medo, reza. No relato de Carmen e de Rosângela, observou-se, ainda, o fenômeno do mito da união familiar que, segundo Krom (2000, p. 32) tem como objetivo "assegurar o pertencimento e a manutenção dos padrões afetivos na família" já que ambas afirmaram que a família de origem prezava pela união da família, valor esse que buscam preservar e repassar aos filhos.

No que se refere a repetição de comportamentos, destaca-se que na história de Flávia, a questão a violência da mãe, em relação ao modo coercitivo de educar Flávia e a irmã do meio, é vivenciada com dualidade pela entrevistada, uma vez que a influência positiva da madrinha em seu comportamento contribuiu para que a experiência com a filha seja também de carinho e afeto. Conforme ensina Walsh (2016), ao longo do tempo, algumas características do sujeito podem se cristalizar convertendo-se em comportamentos rígidos ou se transformarem em modos de ação flexíveis. Desse modo, a ambivalência da influência da mãe e da madrinha na vida da entrevistada fazem ela alternar entre comportamentos com a filha ora intransigentes, como os absorvidos pela mãe, ora dóceis, como os interiorizados na relação com a madrinha.

Ressalta-se que além da identificação com a figura materna, as entrevistadas apontaram similaridades em relação a outras pessoas significativas em suas vidas, como o pai e, no caso de Flávia, a madrinha. Tal fato denota que a família deve ser compreendida em sua integralidade, uma vez que a família é considerada como um sistema orgânico que se manifesta na interação dos vários componentes que se encontram em constante transformação (KROM, 2000). Dessa forma, além da influência da mãe, outras pessoas significativas nas vidas das entrevistadas devem ser levadas em conta, já que a constituição da subjetividade de cada uma se deu nas experiências com essas e

outras pessoas fora do âmbito familiar que foram/são importantes, inclusive os cônjuges e os filhos.

Por fim, foram identificadas algumas particularidades nos relatos das entrevistadas, como a questão da repetição da violência sexual na história de Carmen e sua filha e a experiência do sanatório vivenciada por Flávia e sua mãe. Sobre esses aspectos das vidas das entrevistadas pode-se depreender sobre o estigma que é ser mulher, não obstante as conquistas sociais obtidas nas últimas décadas. Conforme aponta Araújo (2002), a questão do gênero é preponderante no que se refere à violência interpessoal, familiar ou social, afirmando que as pesquisas indicam que mulheres e crianças do sexo femininos são os maiores alvos de violência. Em relação à origem dessa violência contra as mulheres, Silva (2010) indica que "ela faz parte de um sistema sócio histórico que condicionou as mulheres a uma posição hierarquicamente inferior na escala de perfeição metafísica, produzindo um campo de força de relações assimétricas entre homens e mulheres em nossa sociedade". Desse modo, as violências observadas nas histórias das entrevistadas caracterizam essa desvalorização do gênero feminino, que socialmente ainda é considerada inferior e, por isso, passível de objetificação e demérito em relação ao homem.

5 ALGUMAS CONCLUSÕES

Considerando a intenção dessa pesquisa no sentido de compreender a percepção das mulheres em relação à influência das mulheres de gerações familiares anteriores, observou-se que as entrevistadas demonstraram entendimento acerca da apropriação de alguns fenômenos identificados na família de origem, como comportamentos, valores e mitos transmitidos por suas mães e que estão sendo repassados aos filhos. Ainda, ficou evidente a busca por caminhos diferentes em relação a aspectos considerados negativos na família de origem, como o relacionamento conjugal vivido pelos pais e algumas práticas parentais, como o tempo dedicado aos filhos.

Apesar da verificação da reprodução de alguns aspectos da família de origem, importa ressaltar que outras variáveis devem ser consideradas em relação à atuação da mulher no que tange à conjugalidade e à parentalidade, como a influência de outras pessoas significativas e a vivência de experiências que provocam mudanças no seu modo de ser. Ainda, deve-se ter em vista que a relação estabelecida com o cônjuge e com os

filhos é construída dentro de um espaço, tempo e contexto específico que pode influenciar na manutenção ou na desconstrução dos padrões familiares de gerações familiares anteriores.

Ademais, os padrões familiares podem ser interiorizados de diferentes formas entre os membros da família e o sentido que cada um atribuir aos fenômenos manifestados na dinâmica vai definir a manutenção ou o distanciamento da herança familiar. Por essa razão, em uma mesma família, enquanto alguns irmãos podem se apropriar e transmitir algumas questões familiares, outros podem interiorizar e reproduzir outras ou, então, não repeti-las em virtude da falta de sentido da repetição no contexto em que está inserido. Dessa forma, a consciência e a reflexão sobre a reedição de padrões adotados pela família de origem podem ser libertadoras, uma vez que possibilitam aos sujeitos novas formas de pensar e agir e, no caso dessa pesquisa, de as mulheres se colocarem de diferentes formas da família de origem no relacionamento com o cônjuge e com os filhos.

Sobre o processo de construção da pesquisa, especificamente no que tange à etapa de coleta de dados, observou-se a importância da realização da entrevista piloto que foi fundamental para a redefinição de alguns pontos do roteiro de forma a contemplar os objetivos propostos na pesquisa. Ainda, constatou-se que a vinculação das participantes com a pesquisadora foi essencial para a obtenção de informações relevantes para a discussão do fenômeno em estudo. Em relação aos objetivos geral e específicos, os resultados foram satisfatórios no sentido de identificar a reprodução ou não dos padrões familiares na família atual das participantes, no que se refere aos âmbitos da conjugalidade de da parentalidade.

Como limitação da pesquisa, identificou-se que em razão do tempo de espera pela aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisul (CEP-Unisul), não foi possível realizar a coleta de dados com o número inicialmente proposto de cinco mulheres. Outro ponto que se destacou na coleta de dados foi o fato de duas entrevistas terem sido realizadas na casa das entrevistadas, o que contribuiu para que as participantes se sentissem à vontade e narrassem fatos difíceis de suas vidas pessoais. No entanto, como ponto negativo da realização da entrevista nesses locais, cita-se o fato de terem ocorrido interrupções dos animais de estimação ou outras questões da casa que demandaram as participantes ao longo da entrevista. Ainda, observou-se que diante da complexidade do tema e das questões subjetivas que a família envolve, poderiam ser realizadas entrevistas com outros membros da família, como as mães das participantes a fim de identificar

outros pontos de repetição não expostos pelas entrevistadas. Além disso, observou-se que a utilização do genograma como recurso gráfico para apresentação das famílias das entrevistadas facilitaria a compreensão da transgeracionacionalidade, motivo pelo qual recomenda-se sua utilização em pesquisas futuras sobre o fenômeno.

Tendo em vista o amplo leque de possibilidades de abordagens do tema, diversos são os aspectos que podem ser explorados. Desse modo, sugere-se que novos estudos sobre a transgeracionalidade sejam realizados, abordando o fenômeno por outros ângulos e enfoques como, por exemplo, a influência da figura paterna na dinâmica da família nuclear ou a ocorrência do fenômeno em famílias de homossexuais. Ainda, para verificar como os padrões familiares são apropriados por cada membro, podem ser realizadas entrevistas com todos os irmãos de uma família a fim de averiguar a influência e força que os valores, crenças, mitos, legados e comportamentos dos genitores geraram na constituição da subjetividade de cada um. Além disso, considerando que a família nuclear é composta por duas pessoas que trazem diferentes bagagens de suas famílias de origem, podem ser realizados estudos com casais para analisar a força que a herança familiar de cada um tem na criação dos filhos e na construção da conjugalidade.

REFERÊNCIAS

ANTON, Iara L. Camaratta. A **escolha do cônjuge**: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Gênero e família na construção de relações democráticas**. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). Casal e família: permanências e rupturas São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

_____. Violência e abuso sexual na família. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 7, n. 2, p. 3-11, Dec. 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: nov. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vorazes, 1985.

BERTIN, Ivone Placoná; PASSOS, Maria Consuêlo. A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica. **Interações**. São Paulo, v. 8, n. 15, p. 65-79, jun. 2003. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 abr. 2018.

BORNHOLDT, Ellen; WAGNER, Adriana. **A gravidez à luz da perspectiva paterna**: aspectos relativos à transgeracionalidade. In: WAGNER, Adriana (Org.). Como se perpetua a família**?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BOTTON, Andressa; CUNICO, Sabrina Daiana; BARCINSKI, Mariana e STREY, Marlene Neves. Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. ***Pensando fam.*** [online]. 2015, vol.19, n.2, pp. 43-56. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2015000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CAMICIA, Edgmara Giordani; SILVA, Stefany Bischoff da; SCHMIDT, Beatriz. Abordagem da Transgeracionalidade na Terapia Sistêmica Individual: Um Estudo de Caso Clínico. **Pensando fam.** [online]. 2016, vol.20, n.1, pp. 68-82. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2016000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 01 abr. 2018.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ELKAIM, Mony. **Como sobreviver à própria família**. São Paulo: Integrare Editora, 2008.

FALCKE, Denise; MOSMANN, Clarisse; WAGNER, Adriana. **Passando a história a limpo**: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In: WAGNER, Adriana (Org.). Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____; PREDEBON, Juliana; WAGNER, Adriana. **Transgeracionalidade e educação**: como se perpetua a família. In: WAGNER, Adriana (Org.). Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____; WAGNER, Adriana. **A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade**: definição de conceitos. In: WAGNER, Adriana (Org.). Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____; ZORDAN, Eliana Piccoli; WAGNER, **Adriana. Copiar ou (re)criar?** Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In: WAGNER, Adriana (Org.). Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, jun. 2004. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 maio 2018.

_____; ZIVIANI, Cilio. **Conjugalidades contemporâneas**: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos na atualidade. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casal e família: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 8, n. spe, p. 31-38, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 maio 2018.

LOPES, Manuela Nunes; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; BOECKEL, Mariana Gonçalves. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 22, n. 4, p. 917-928, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 abr. 2018.

MARIN, Angela Helena et al. Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. **Psic.: Teor. e Pesq.,** Brasília , v. 29, n. 2, p. 123-132, Jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: abr. 2018.

MARTINS, Elizabeth Medeiros de Almeida; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 181-197, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: dez. 2018.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAUJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 44-55, Mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: dez. 2018.

KROM, Marilene. Família e mitos: prevenção e terapia: resgatando histórias. São Paulo: Summus, 2000.

ROSA, Larissa Wolff da; FALCKE, Denise. Violência conjugal: compreendendo o fenômeno. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto , v. 15, n. 1, p. 17-32, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: dez. 2018.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 3, p. 556-571, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: nov. 2018.

SZAPIRO, Ana Maria; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 179-188, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 maio 2018.

WALSH, Froma. Processos normativos da família: diversidade e complexidade. 4 ed. Porto Alegre: Armed, 2016.

WAGNER, Adriana. **Como se perpetua a família**?: a transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.

_____ et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 21, n. 2, p. 181-186, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: nov. 2018.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: jun. 2018.